

PROJETOS DE ARQUITETURA: TRANSFORMAÇÃO E IMPACTO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Renan Araujo de Amorim

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pereira Martins

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A partir da construção de um contexto teórico baseado nas ideias de Jeremy Till e Massimo Cacciari, autores reconhecidos por seu entendimento sobre a cidade contemporânea, essa pesquisa propõe uma análise de três obras latino-americanas selecionadas pelo “Prêmio Latino-Americano de Arquitetura Rogelio Salmona” que objetivaram agir sobre as realidades dos territórios vulneráveis nos quais os projetos se inserem. São entendidos como territórios de vulnerabilidade social aqueles que enfrentam falta de saneamento básico e equipamentos urbanos, desassistidos pela rede de transporte urbano, localizados em áreas alagáveis, com altos índices de violência, entre outros fatores. Como contraponto, alguns projetos selecionados pelo Prêmio “Aga Khan Award for Architecture” completam as referências visando ampliar a análise com exemplos do continente europeu que, confrontados com situações de vulnerabilidade semelhante, obtiveram resultados positivos de transformação de seus contextos. Entende-se que o impacto dos projetos analisados em seus contextos específicos são exemplos valiosos capazes de referenciar alternativas de ação replicáveis a partir de projetos de arquitetura que se propõe enfrentar a condição de vulnerabilidade tão presente nas cidades brasileiras.

Palavras-chave: Projeto de arquitetura; vulnerabilidade social; prêmios de arquitetura.

ABSTRACT

Based on the construction of a theoretical context based on the ideas of Rem Koolhaas, Jeremy Till and Massimo Cacciari, authors recognized for their understanding of the contemporary city, this research proposes an analysis of three Latin American works selected by the “Latin American Prize for Rogelio Salmona Architecture” that aimed to act on the realities of the vulnerable territories in which the projects are inserted. Territories of social vulnerability are those that face a lack of basic sanitation and urban facilities, unattended by the urban transport network, located in flooded areas, with high rates of violence, among other factors. As a counterpoint, some projects selected for the “Aga Khan Award for Architecture” complete the references in order to expand the analysis with examples from the European and Asian continents that, faced with situations of similar vulnerability, obtained positive results in transforming their contexts. It is understood that the impact of the projects analyzed in their specific contexts are valuable examples capable of referencing replicable action alternatives

from architectural projects that propose to face the condition of vulnerability so present in Brazilian cities.

Keywords: Architectural design; social vulnerability; architecture awards.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente o arquiteto possui o papel de construir elementos que formam espaços, seja na escala do edifício ou da cidade, sendo: prédios, parques, móveis ou exposições, ele possui participação na formação desses espaços, que por sua vez, fazem parte da construção da cidade. E se o arquiteto participa da construção da cidade, podemos afirmar que “a arquitetura é política” (Till, 2009, p. 124) uma vez que o projeto de arquitetura afeta diretamente a vida dos cidadãos. Faz parte do papel do arquiteto compreender os impactos que tais projetos causam na cidade.

A presença cada vez maior de territórios de grande vulnerabilidade social questiona a atuação e a efetividade da arquitetura como agente potencializador de mudanças dessas realidades, em um contexto contemporâneo determinado pela lógica da economia neoliberal. Esta pesquisa busca contribuir, a partir dessa condição, com a investigação sobre projetos de arquitetura que se desafiaram a mudar a realidade precária de seus contextos a partir de propostas participativas que incluem a população afetada pelo projeto, amplamente conectadas com seus contextos específicos.

Entender a formação da cidade contemporânea e o papel do arquiteto, até mesmo da arquitetura no processo de construção da cidade é algo bastante complexo, pois o arquiteto precisa lidar com diversos agentes como especulação imobiliária, o desejo dos moradores, o poder público, entre outros, fazendo com que o arquiteto precise agir estrategicamente para que a arquitetura consiga construir uma cidade mais justa e sustentável.

As intervenções em territórios vulneráveis para conseguirem um impacto positivo dependem da articulação do arquiteto com os seguintes agentes: “sociedade civil (pessoas físicas e organizações sociedade civil sem fins econômicos); iniciativa privada (empresas, indústrias, organizações da sociedade civil com fins econômicos); comunidade (pessoas físicas, associações, colegiados, coletivos pertencentes aos territórios); universidade (pesquisa, ensino, extensão e ação) e finalmente, o poder público (executivo, legislativo e judiciário)” (LOEB, 2019, p. 87). A arquitetura passa a ser, no contemporâneo, uma somatória das influências dessas questões.

“Um arquiteto não tem nem o luxo da solidão, nem a precisão de métodos standard, nem o conforto de uma epistemologia estável. A arquitetura é dependente dos outros desde o primeiro estágio de sua jornada, do primeiro rascunho até a ocupação do edifício” (Till, 2009, p.45).

As cidades brasileiras apresentam diversas formas de precariedade “aonde os potenciais criativos e de liderança são soterrados pela pobreza, pela falta de recursos e ausência de oportunidades”. (LOEB, 2019, p.17). De acordo com o Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros (COSTA; MARGUTI, 2015), em 2010, 35,6% dos municípios brasileiros estavam na Faixa de Vulnerabilidade Alta (21,2%) e Muito Alta (14,4%). Segundo o IBGE: “o Brasil tem 5.127.747 domicílios em aglomerados subnormais, denominados também como favelas” (IBGE, 2020), estes dados demonstra a desigualdade no território brasileiro. Tendo em vista essa realidade dos territórios brasileiros e a premissa de que a arquitetura contribui para construir cidades mais justas, sustentáveis e democráticas, qual o papel do arquiteto frente a essa realidade? Como a arquitetura age sobre este contexto para contribuir com uma mudança positiva?

“Hoje têm-se sujeitos individuais inseridos em um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas. Um espaço abstrato, homogêneo e fragmentário. O espaço urbano perdeu situabilidade – uma inscrição precisa em dimensões geográficas, acessíveis a experiencia individual.” (Nelson Brissac Peixoto, 2002)

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. FORMAÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Para analisar as obras selecionadas, assim como o processo de projeto e o envolvimento do arquiteto é necessário compreender a cidade contemporânea e o contexto no qual o arquiteto está inserido.

Segundo o pensador italiano Massimo Cacciari, hoje vivemos na pós-metrópole ou cidade-território, onde temos o domínio do privado sobre o público e a construção de ilhas ou bolhas de segregação, criando uma cidade sem entendimento de conjunto. (Cacciari,2010).

“Estamos, agora, na presença de um espaço indefinido, homogêneo, indiferente nos seus lugares, onde se dão acontecimentos que se baseiam em lógicas que já não correspondem a um desígnio unitário de conjunto” (Cacciari, 2010, p.33).

Essa é uma característica da contemporaneidade: a fragmentação do contexto urbano a partir de critérios econômicos que acabam gerando realidades distintas para cada indivíduo. É importante compreender que essas realidades distintas não podem ser resolvidas somente pelo projeto de arquitetura. O processo de projeto é um plano de ação para programar a melhor forma para se construir uma cidade mais justa, sustentável e democrática, mas assim como aponta Cacciari: o território não se pode programar (2010, p.55). Logo o projeto de arquitetura, sozinho, não pode controlar a realidade do seu contexto urbano de implantação.

“O desenvolvimento da cidade de metrópole para território não pode, portanto, ser programado: é este o drama de todos os arquitetos e urbanistas. A dificuldade não depende da incapacidade deles ou da vontade política dos administradores, depende da impossibilidade de programar” (Cacciari, 2010, p.55)

Uma vez que não podemos programar a cidade e reconhecemos que o arquiteto não tem total controle da dinâmica urbana dos territórios em que o projeto é implantado, há o questionamento da relevância do arquiteto nos processos de transformação dos territórios usando o projeto arquitetônico como instrumento de requalificação de áreas vulneráveis. A arquitetura que funciona como objeto que ignora seus contextos urbanos gera mais vulnerabilidade, ela não potencializa as relações entre cidadãos e território.

“o que mais me surpreende em arquitetura é que o projeto tem uma vida em seu estado construído e outra vida quando escrito ou desenhado” (Till, 2009, p.23).

Para se alcançar uma relação entre a Arquitetura e as transformações sociais do mundo atual é necessário repensar a ideia de “Projeto”, alterando a ideia de produção de objeto para uma ideia de processo.

Trata-se de uma mudança cultural para os arquitetos, porque implica que se definam não apenas pelo resultado, pelo edifício no caso da Arquitetura, mas por todo o

processo de Projeto, entendido enquanto “pensamento”, como modo de reimaginar o futuro da sociedade, como um “modo de fazer sentido, de fazer conexões, de trabalhar de maneira relacional” (Till, pag.58).

Partindo das premissas apontadas por Till é possível entender que o contexto da cidade contemporânea é formado pela ação em conjunto dos agentes e o arquiteto, o que implica no impacto que a arquitetura tem em seu território. Para que haja essa relação é importante que a arquitetura passe a ser um processo de projeto que trabalhe com tais agentes e que o arquiteto entenda essa relação como parte de sua função para conseguir resultados positivos na construção da cidade. Para que haja uma ação transformadora dos territórios vulneráveis é necessário entender a importância das relações com o entorno e o vínculo cultural com o território para que o projeto consiga se integrar a ele e potencializá-lo. Com isso é possível que as dinâmicas do território sejam mudadas e passe a ter uma vida urbana mais ativa.

2.2. PRÊMIOS ROGELIO SALMONA E AGA KHAN: EXEMPLOS DE AÇÃO EM TERRITÓRIOS VULNERÁVEIS

O Prêmio Aga Khan para a Arquitetura faz parte do Fundo Aga Khan para a Cultura, sediado em Genebra, Suíça. A fundação tem uma vasta gama de atividades destinadas a preservar e “promover o património material e espiritual das sociedades muçulmanas” (AKND,2019). Dentro desta rede se destaca o prêmio Aga Kahn para arquitetura que por sua vez ultrapassa os limites religiosos para apontar projetos que consigam solucionar mais do que apenas questões iniciais, como suprir as necessidades de um programa, mas que envolvam o projeto com os aspectos culturais do território e consigam um impacto transformador na área de inserção.

“O processo de seleção destaca a arquitetura que não satisfaça apenas as necessidades físicas, sociais e económicas das pessoas, mas que também estimule e responda às suas expectativas culturais” (AKND,2019)

O prêmio demonstra uma valorização da arquitetura que objetiva agir sobre as realidades dos territórios vulneráveis nos quais os projetos se inserem. O que é bastante relevante para esta pesquisa, uma vez que ela possui como objetivo entender o processo projetual de obras com impacto positivo no território em que são implantadas.

Desde 1970, a cada três anos o prêmio submete estes projetos para um grupo de jurados que por sua vez ao escolherem o vencedor homenageiam o escritório que concebeu o projeto. Portanto desvinculando a figura do arquiteto como indivíduo único e solucionador de todas as questões e destacando o coletivo, a construção coletiva da arquitetura. Ao contrário de outros prêmios como o prêmio Pritzker de arquitetura, que premia o conjunto da obra de um arquiteto, destacando a figura do arquiteto ou até trios de arquitetos.

“É dada especial atenção aos planos de construção que utilizem recursos locais e tecnologia adequada de uma forma inovadora e aos que possam inspirar projetos semelhantes em outros locais.” (Fundação Rogelio Salmona, 2015)

Esta preocupação com a relação do projeto com a cultura local, os materiais locais, tecnologia local e outras questões importantes para o contexto de implantação, são de extrema importância para desenvolver uma relação cultural da arquitetura como espaço concebido e dos indivíduos daquele território. É um mecanismo de identificação e criação de vínculo do indivíduo com a arquitetura.

Construído em 2014, o Projeto de Educação Arcádia foi participante do ciclo 2017-2019 do prêmio Aga Khan. Localizado em Kanarchor do Sul, Bangladesh, e construído pelo arquiteto Saif Ul Haque Sthapati, trata-se de uma escola construída em uma área alagável que utiliza materiais regionais (bambu) para criar uma estrutura anfíbia que se adapta às diferentes situações do território. Em períodos de seca o projeto se apoia no solo e em períodos de enchente a estrutura mantém o projeto flutuando sobre a água, ou seja, ao invés de perturbar o ecossistema com uma solução que adiciona novos materiais e técnicas ineficientes, exteriores ao contexto, o arquiteto utilizou o próprio material e mão de obra local para criar um sistema que adaptasse a arquitetura ao território e trouxesse um equipamento educacional para uma região vulnerável.



Vista geral do edifício durante a estação seca, Projeto da Fundação Arcadia, Kanarchor do Sul, Bangladesh.

Fonte: Aga Khan Trust for Culture / Sanndro di Carlo Darsa (autor da imagem)



Estrutura de balsa feita com barris de aço reutilizados, Projeto da Fundação Arcadia, Kanarchor do Sul, Bangladesh.

Fonte: Aga Khan Trust for Culture / Sanndro di Carlo Darsa (autor da imagem)

Dentro desta questão de valorização da arquitetura construída pelo coletivo, semelhante com o Aga Kahn, temos o prêmio latino-americano Rogelio Salmona, que nasceu na Colômbia, com objetivo de manter viva a memória do arquiteto Rogelio Salmona (1929-2007) - durante a década de 1980, Salmona promoveu conferências

sobre arquitetura latino-americana em Cali (1980) e Manizales (1987). Esses seminários contribuíram para melhorar a troca de informações entre os países latino-americanos, enriquecendo o diálogo arquitetônico em toda a região - O prêmio acontece a cada dois anos e busca identificar e divulgar projetos latino-americanos que criaram espaços públicos significativos para seus habitantes, que contribuíram para consolidação das cidades inclusivas e uma forte ligação com o lugar.

“Convencida da necessidade urgente de construir uma cidade e sociedade latino-americana cada vez mais inclusiva e equitativa, em 2011 a Fundação Rogelio Salmona decidiu assumir o compromisso de reconhecer obras de arquitetura que gerem espaços coletivos significativos com sentido de lugar e, assim, contribuam para a consolidação da cidade” (Fundação Rogelio Salmona, 2015)

Entendendo a importância da temática e baseando-se no prêmio Rogelio Salmona, pela especificidade de ser latino-americano, o que possibilita uma aproximação maior entre os territórios vulneráveis dos projetos selecionados, tendo em vista as semelhanças entre as vulnerabilidades dos territórios brasileiros e demais países da América Latina: áreas altamente adensadas, falta de infraestrutura urbana, falta de acessos etc. Temos três obras que foram reconhecidas pelo prêmio como obras que efetivamente qualificaram o território que foram implantadas levando em consideração os fatores culturais e os agentes específicos de cada território.

2.3. ESTUDOS DE CASO

Esta pesquisa selecionou obras localizadas em territórios vulneráveis informais, favelas, os quais cresceram intensamente na América Latina a partir da década de 1930, devido a questões relacionadas a industrialização acelerada e tardia, êxodo rural, déficit habitacional, aumento da desigualdade socioeconômica, entre outros (ROMERO, 2009). Sua configuração não possui planejamento prévio, enfrentam problemas relacionados a habitações precárias e insalubres; riscos físicos de enchentes ou deslizamentos de terra; carência de equipamentos urbanos para saúde, lazer e educação; ausência de saneamento básico, fornecimento de energia elétrica etc.

“Ausência de espaços públicos qualificados para a sociabilidade urbana em seus diversos níveis. Também a forma urbana destes territórios possui particularidades, porquanto alguns elementos urbanos básicos como quadra e lote, muitas vezes são inexistentes ou, pelo menos, possuem conotações distintas em relação à cidade formal.” (LAMAS, 2010)

As favelas latino-americanas podem abrigar, em alguns casos, cerca de 20% da população de um município (ROMERO, 2009) - o que explicita a necessidade de tratar essas questões.

“A estas particularidades soma-se o fato de que a bibliografia por muito tempo adotada em escolas e escritórios de arquitetura como referenciais em relação ao papel dos edifícios na construção de espaços públicos adequados à vida urbana não considerarem as particularidades das formações urbanas subnormais e, por isso, não raro trazem estratégias não diretamente aplicáveis à grande parte delas.” (LAMAS, 2010)

Propomos utilizar três projetos aplicados em territórios vulneráveis diferentes, justamente para mapear particularidades dos contextos urbanos específicos e entender as arquiteturas capazes de promover e potencializar espaços para a vida social dos cidadãos a partir dos contextos que se apresentam.

Será observada as seguintes características para a análise de cada obra: implantação, inserção urbana, transição entre o espaço público e privado e áreas públicas de permanência cobertas e descobertas. Buscando compreender a dinâmica entre a arquitetura e o território vulnerável, analisando como ocorrem os fluxos e acessos para que a arquitetura seja de fato utilizada e como o território influencia na arquitetura.

Nos dois primeiros ciclos do Prêmio Rogelio Salmona, foram encontradas três obras inseridas em territórios vulneráveis do tipo favela: Projeto Viver (São Paulo/Brasil) – centro comunitário de iniciativa do terceiro setor; Colégio Antonio Derka (Medellin/Colômbia) - edifício escolar de propriedade pública; intervenções no Aglomerado da Serra (Belo Horizonte/Brasil) - conjunto de três obras públicas com programas prioritariamente voltados ao apoio comunitário. Com relação a esta última obra será analisada uma das três que compõem as intervenções no Aglomerado da Serra, o Beco São Vicente, espaço para oficinas de costura, banheiros públicos e praças de esporte e lazer.

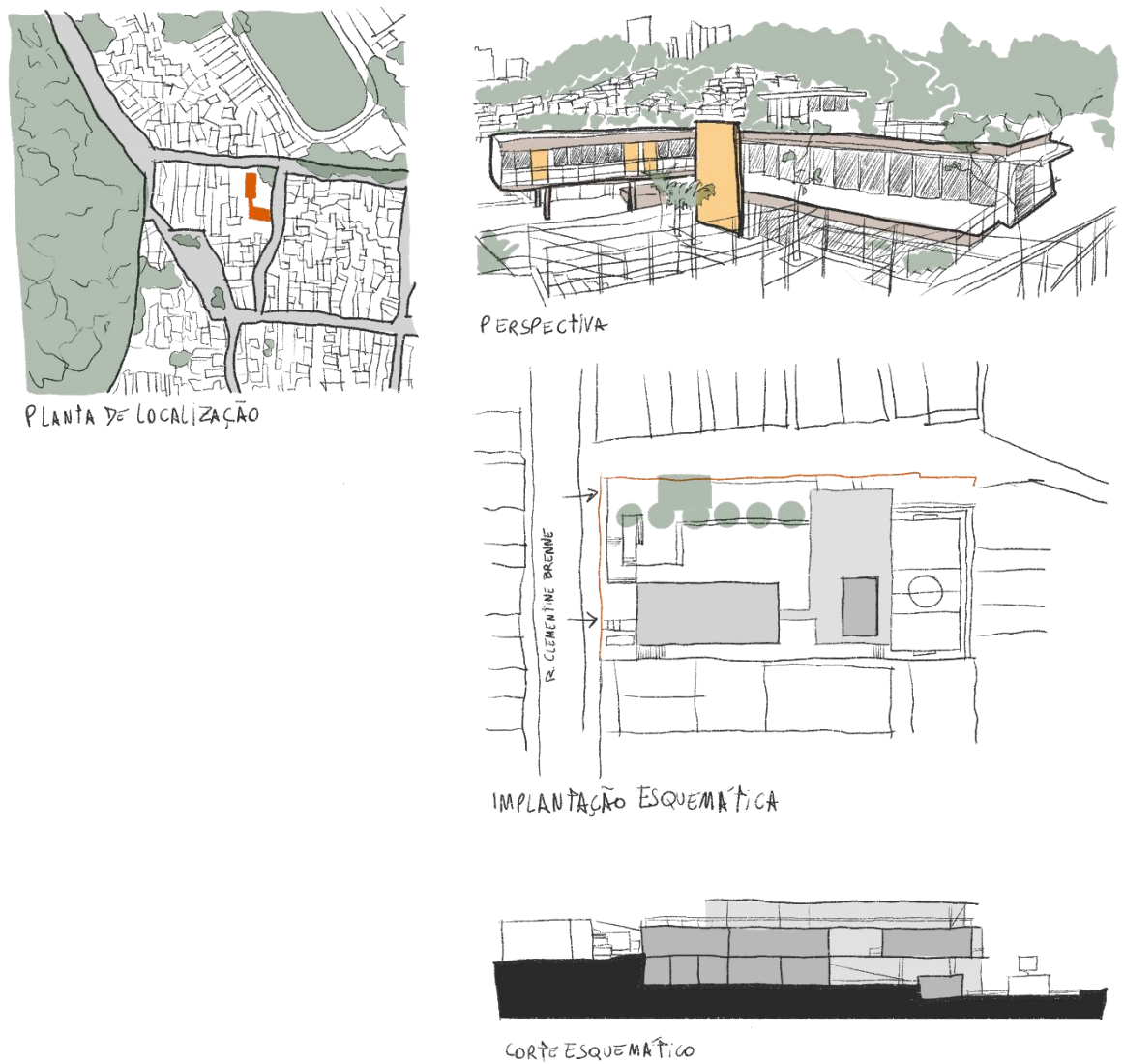


Figura 1 - Projeto Viver (São Paulo/ Brasil). Elaboração do autor, 2022

Obra: Projeto Viver

Autor: FGMF Arquitetos

Local: São Paulo, SP – Brasil

Ano de construção: 2005

Área do terreno: 1500m²

Área construída: 400m²

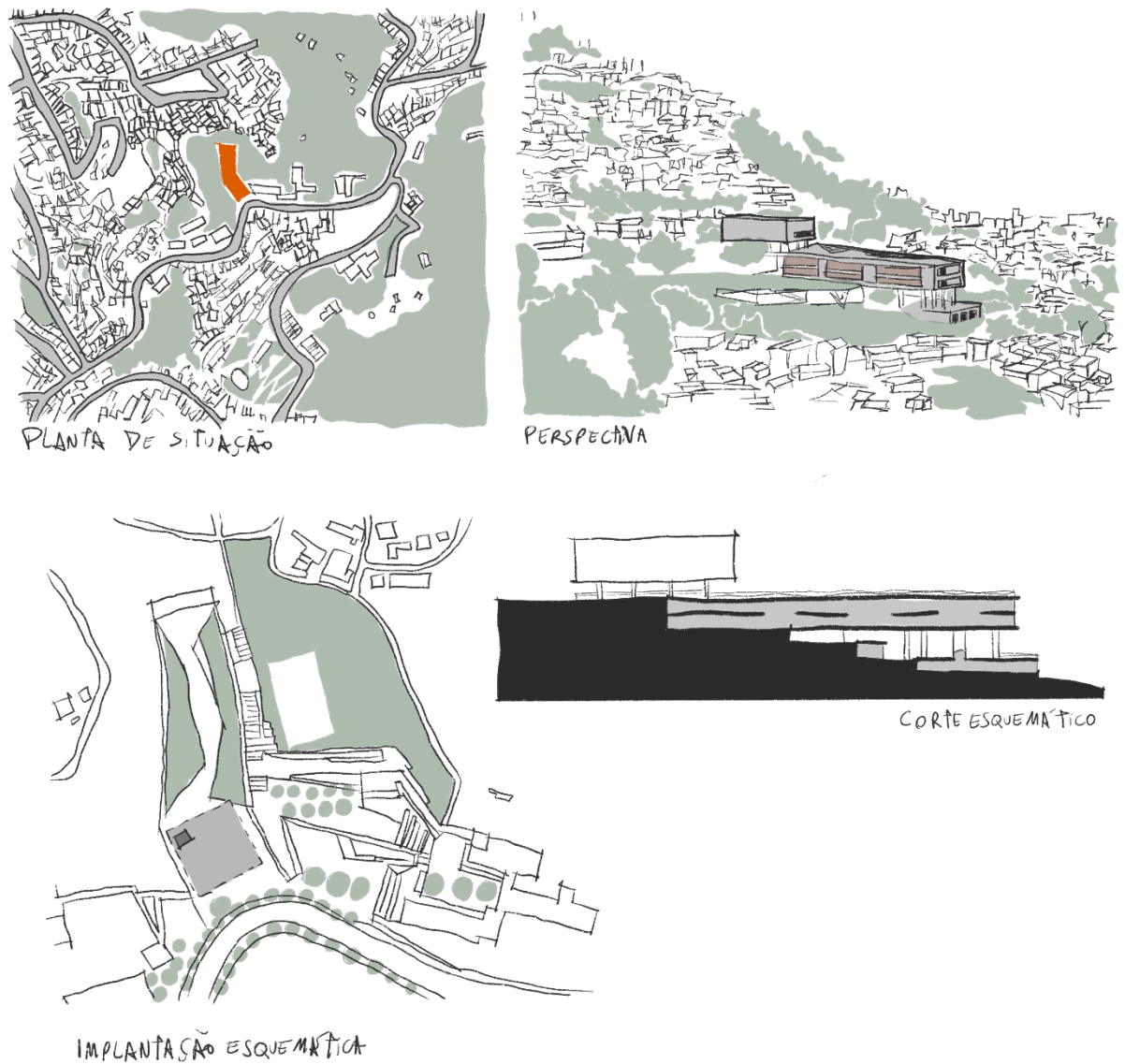


Figura 2 - Colégio Antonio Derka (Medellín/ Colômbia). Elaborado pelo autor, 2022

Obra: Colégio Antonio Derka

Autor: Obranegra Arquitectos

Local: Medellín - Colombia

Ano de construção: 2008

Área do terreno: 13.000 m²

Área construída: 7500 m²

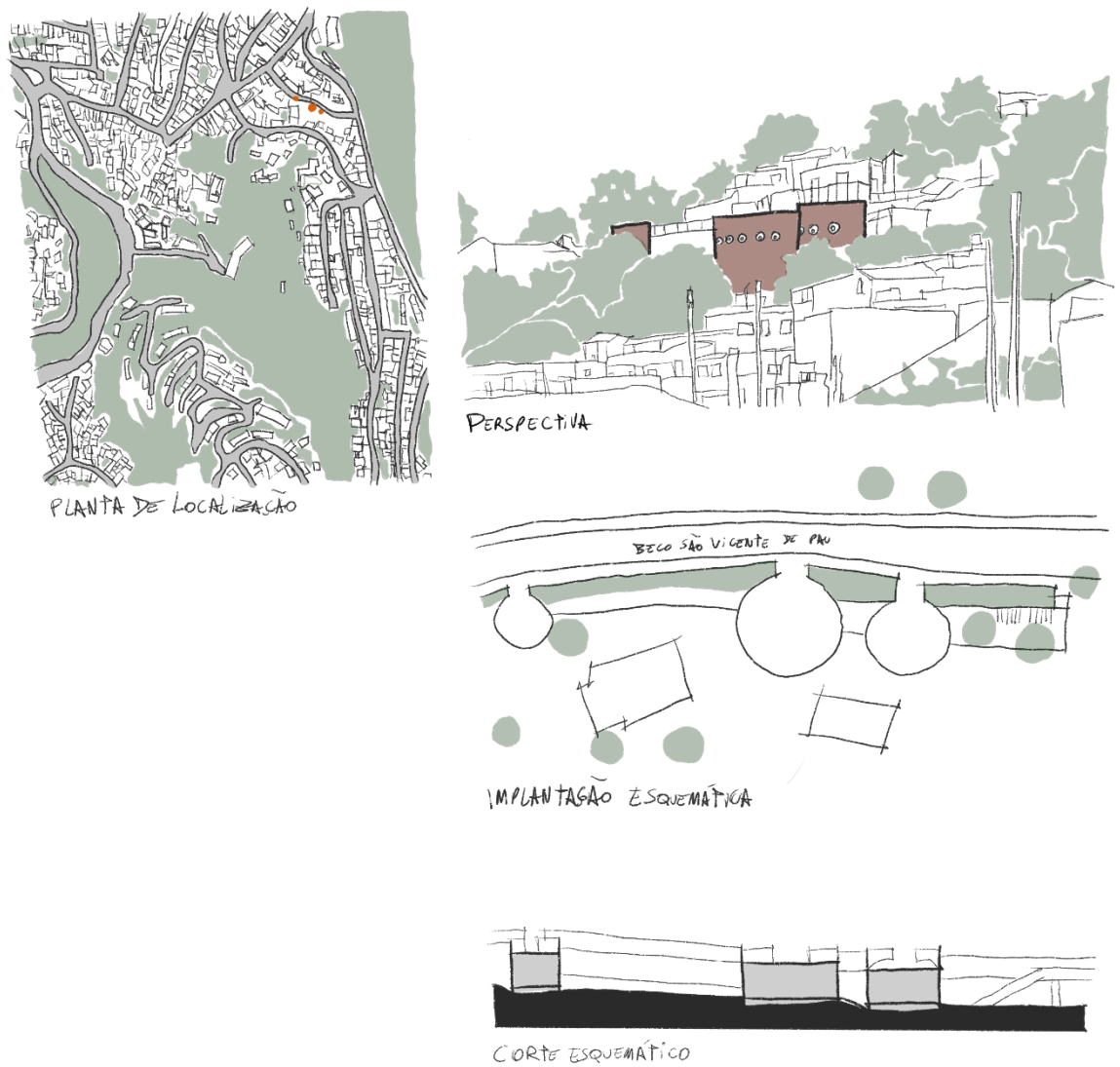


Figura 3 - Beco São Vicente No Aglomerado Da Serra (Belo Horizonte/ Brasil).
Elaborado pelo autor, 2022

Obra: Beco São Vicente No Aglomerado da Serra

Autores: Rafael Yanni, Fernando Maculan e Mariza Machado

Local: Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, MG.

Ano de construção: 2007

Área do terreno: 430 m²

Área construída: 130 m²

Os três projetos selecionados são de propriedade pública ou do terceiro setor, e uso ligado ao apoio à comunidade local e educacional, ou seja, programas relacionados ao encontro, convívio e que, portanto, podem favorecer atividades comunitárias.

Com relação à inserção urbana, o estudo dos três projetos constatou que as três obras inseridas em territórios informais estão localizadas em relevo acidentado e grande quantidade de áreas permeáveis. Estas áreas verdes, em sua maior parte, não são qualificadas para usos de lazer, permanência ou práticas esportivas. Verificou-se, ainda, que o Projeto Viver possui algumas particularidades com relação à inserção urbana em relação às outras obras: está localizado em um enclave de pobreza (D'ANDREA,2020) em um bairro de classe média e classe média-alta marcado por clara desigualdade socioespacial. O Projeto Viver possui o traçado viário do entorno mais regular em relação ao das demais obras (Colégio Antonio Derka e no Beco São Vicente) e é a única entre as três que no entorno imediato pode-se perceber a diferença de quadra e lote.

Em relação às implantações, o Projeto Viver foi considerado como tendo sua implantação no perímetro do lote, e as demais, implantação isolada, ainda que muitas vezes não se perceba claramente os limites do lote. O projeto Viver é o único caso em que os espaços abertos coletivos são majoritariamente secos com algumas árvores isoladas. Nos outros casos (Colégio Antonio Derka e no Beco São Vicente), há tanto áreas secas quanto áreas verdes, sendo que as áreas verdes não possuem qualificação, ou projeto, para permanência de pessoas (como desenho de caminhos, mobiliário urbano etc.). Vale ressaltar que os projetos não impedem atividades de permanência, mas não há incentivos para tais atividades de socialização.

Verificou-se semelhanças nas soluções de projeto entre as obras em relação ao acesso do edifício e do espaço coletivo criado. Essas semelhanças na estratégia projetual separa o Projeto Viver dos demais (Colégio Antonio Derka e Beco São Vicente).

No Colégio Antonio Derka e no Beco São Vicente, percebe-se maior elaboração na transição entre espaço público e a edificação, como mostra diagrama 5. Nestes casos, o espaço aberto de uso coletivo acontece junto ao passeio público, como extensão dele, sendo que entre eles não há nenhum tipo de dispositivos de controle (como grades, muros ou portões), o que mostra o interesse em fazer com que o espaço seja público e atraia os indivíduos que caminham na região. Os espaços coletivos são

projetados na cobertura dos edifícios, já que eles estão implantados em uma topografia acidentada onde a cobertura dá acesso a uma via pública. Notou-se que o acesso aos edifícios não acontece diretamente pelo espaço aberto de uso coletivo junto ao passeio público, sendo necessário primeiro acessar escada ou rampa localizadas, em ambos os casos, em áreas que não interferem no uso do espaço coletivo e nem do edifício, logo pode ser utilizado independentemente da atividade que a edificação tenha. O Colégio Antonio Derka e no Beco São Vicente proporcionam fruição pública para o pedestre por meio da utilização de elementos urbanos já presentes no entorno, como escadas e rampas de acesso. Além disso o Colégio Antonio Derka possui uma sala multiuso que cria um volume elevado em relação ao térreo, que gera uma área coberta no espaço aberto de uso coletivo.

As áreas de transição entre espaço público e privado aparece de forma semelhante no Projeto Viver onde o espaço aberto coletivo não está na mesma cota de acesso pela via e é alcançado por meio de escadas, que por sua configuração, também podem ter a função de espaços de permanência, como arquibancadas, por exemplo. No Projeto Viver, o espaço aberto coletivo está prioritariamente abaixo da via principal de acesso. É um projeto localizado em esquina e é o único entre os três que se tem dispositivos de controle de acesso, como grades e muros. O Projeto Viver, por estar elevado por pilotis, oferece espaços cobertos para uso público na projeção do edifício. É demonstrada essa relação de acesso do indivíduo que está no espaço público para o espaço que pertence ao edifício (espaço privado) no diagrama 6.

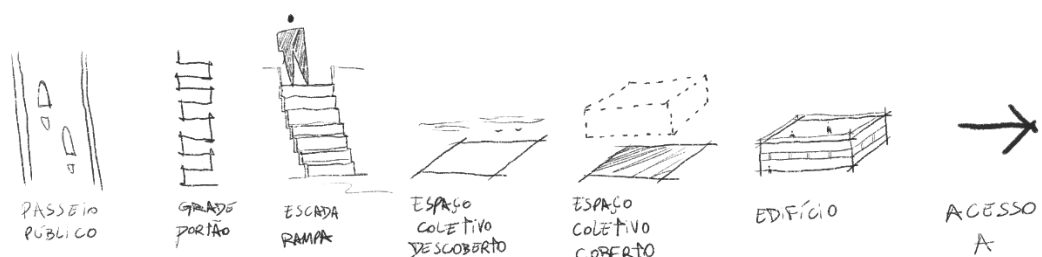


Diagrama 4 – Legenda utilizada nos diagramas de transição de espaço público e privado nas obras estudadas. Elaboração do autor, 2022

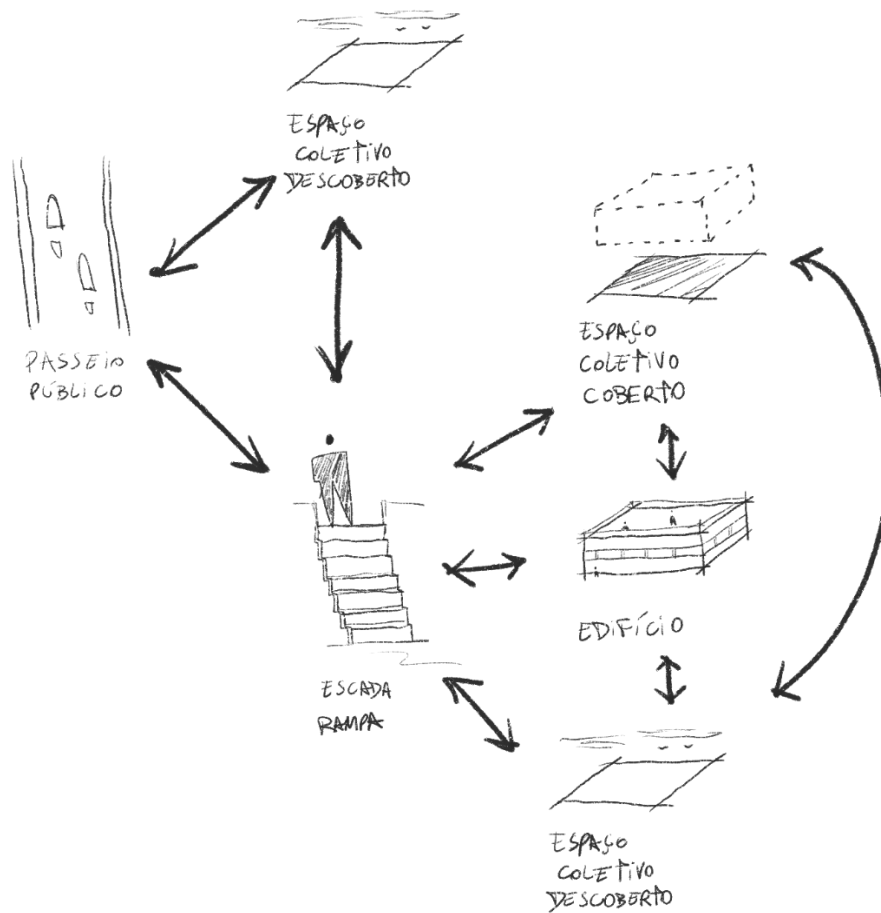


Diagrama 5 – Transição espaço público e privado no Colégio Antonio Derka e no Beco São Vicente. Elaboração do autor, 2022

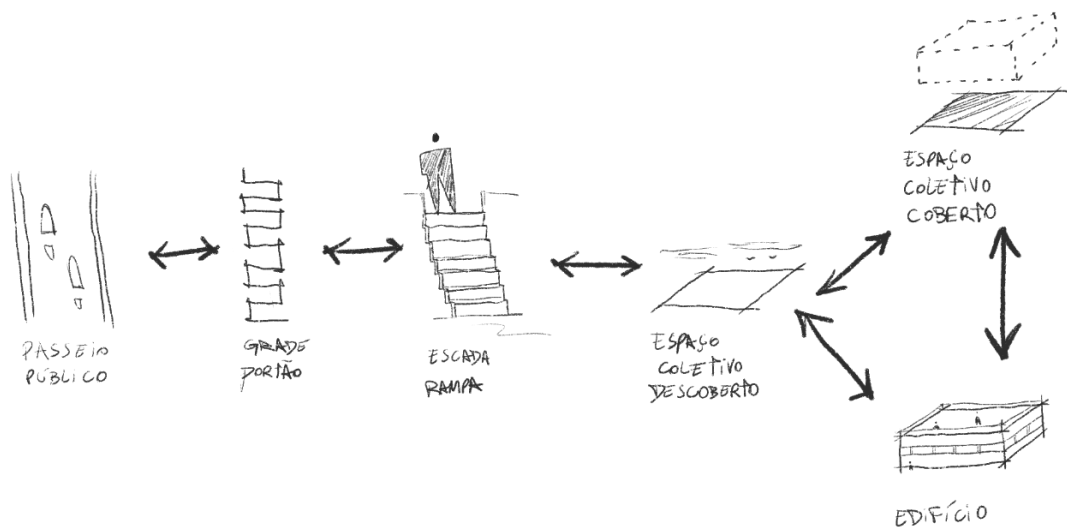


Diagrama 6 – Transição espaço público e privado no Projeto Viver. Elaboração do autor, 2022

A partir das análises, pode-se entender que os espaços abertos de uso coletivo criados no Colégio Antonio Derka e Beco São Vicente possuem maior liberdade de uso, independente da edificação e abrindo margem para diferentes formas de ocupação, por conta de sua proximidade com a rua e por não ter relação imediata de uso com o edifício. Os espaços abertos coletivos projetados no Projeto Viver não possuem proximidade imediata com a rua, além de possuir grades portões e escadarias de acesso que, também podem ter função de espaço de permanência em desnível, como arquibancadas urbanas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o estudo dos projetos: Projeto Viver, Colégio Antonio Derka e Beco São Vicente, inseridos em territórios vulneráveis demonstrou preocupação com os contextos de cada projeto, principalmente físico-ambientais, sendo que o Projeto Viver é o único com as características de não estar localizado em bairro periférico e de apresentar quadra e lote notoriamente definidos. Podemos perceber duas soluções projetuais em relação à transição entre espaço público e privado, essas decisões não possuem relação com programa e escala, mas sim com decisões relacionadas à implantação do edifício.

As três obras demonstram uma estratégia do arquiteto ao incorporar elementos da vida e da morfologia urbana pré-existentes nos projetos. As escadas de acesso pré-existentes e a implantação de espaços públicos por diferentes acessos utilizando o desnível, bem como o uso da edificação como ampliação dos espaços de convívio e áreas de lazer exemplificam uma estratégia de unir a arquitetura com o local. A partir das análises das obras podemos identificar a possibilidade de replicar as estratégias de utilizar as características pré-existentes, elementos da vida cotidiana e morfologia local, para nortear projetos que visam o enfrentamento da vulnerabilidade desses territórios.

A partir das análises dos pensadores da cidade contemporânea presentes nesta pesquisa, podemos concluir que essa relação entre contexto urbano com o projeto de arquitetura, bem como o processo colaborativo são elementos importantes para a construção de urbanidade e requalificação em territórios. E a análise das obras demonstrou soluções possíveis para “arquiteturas que fazem cidade em territórios informais” (LAMAS, 2010). Demonstrou a necessidade e a importância da

contextualização entre edifício e cidade quando se trata de territórios vulneráveis e, principalmente, aprender a olhar este tipo de território que é bastante presente nas cidades latino-americanas, buscando ali urbanidade existente e potencialidades.

4. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Eduardo Moutinho Ramalho. **INTERVENÇÕES ESTRUTURANTES NA URBANIZAÇÃO DE ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS: o caso da vila nossa senhora de fátima**. 2014. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Arquitetura, Minas Gerais, 2014.

CACCIARI, M. **A cidade**. Trad. José Serra. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

CORSI, Daniel. **Incursões e diálogos pelo berço do humano (ou sobre quando a arquitetura liberta a cidade)**. São Paulo: Estudos Avançados, 2017

FREIRE, Ana Luíza Silva. **Junkspace: palavra, imagem e experiência na cidade contemporânea**. 2018. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

GALLO, Douglas e SANTOS, Fábio. **Acupuntura Urbana: reflexões sobre grandes intervenções urbanas**. Rio de Janeiro: A Cidade Habita, 2017.

GILI, Gustavo. **Rem Koolhaas: três textos sobre a cidade**. São Paulo: Gg Brasil, 2015.
TILL, J. *Architecture depends*. Cambridge: The MIT Press, 2009.

KOOLHAAS, R; **Nova York delirante**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, R; **B. S, M, L, XL**. New York: Monacelli Press, 1995.

LAMAS, José Maria Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

LOEB, Rodrigo Mindlin. **Territórios Vulneráveis, Arquitetura e Urbanismo: estratégias contemporâneas de ação**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

LOSCHIAVO, Maria Cecília. **Arquitetura, os moradores de rua e a transfiguração de nossa sociedade**. São Paulo: Desconhecida, 2005.

MARTINS, P. P. **Arquitetura como infraestrutura: o desafio de projetar a cidade contemporânea**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 41-53, 2022. DOI 10.5935/cadernospos. v22n2p41-53. Acesso em: 24 de agosto de 2022

MARTINS, P. P. **Poder e ética na obra de Rem Koolhaas**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), [S. l.], n. 21, p. 6-16, 2016. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i21p6-16. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/121389>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PEIXOTO, Brissac. **Arte / Cidade**. Grupo de pesquisa, PUC–SP, 2002. Disponível em: <http://www.artecidade.org.br/indexp.htm>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? **Novos estudos CEBRAP**, p. 89-109, 2011.

ROMERO. José Luis, **América Latina - as cidades e as ideias**. Rio de Janeiro, Editoria UFRJ, 2009).

_____. **The Pritzker Architecture Prize**. Disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

Contatos: renanaraujodeamorim@gmail.com

patricia.martins@mackenzie.br